



Associação Brasileira de Epilepsia (ABE)
Filiada ao International Bureau for Epilepsy

Machado de Assis: um homem genial?

Ivone Daré Rabello*

Associação Brasileira de Epilepsia – ABE

RESUMO

Introdução: O texto que se segue é resultado da palestra proferida no dia 9 de setembro de 2008, no Evento “Dia Latino-Americano da Epilepsia”, organizado pela Associação Brasileira de Epilepsia, sob a presidência da Doutora Laura Guilhoto, e realizado no Anfiteatro Franco Monto, na Assembléia Legislativa de São Paulo. **Métodos:** Ao apresentar Machado de Assis a partir de alguns aspectos de sua vida, pretende-se compreender a configuração da sociedade brasileira do século XIX, bem como a força de revelação crítica de sua obra. **Resultados:** A biografia do escritor nos permite entrever um modelo de homem e artista, alguém que superou barreiras a ele impostas numa dada circunstância histórica, social e pessoal, incluída nesta as questões relativas à saúde. O esforço e a luta do homem Machado de Assis são muito significativos, se lembrarmos que até hoje não é “natural” vencer preconceitos, migrar de classe ou obter igualdade de oportunidades. **Conclusão:** A glória obtida por Machado de Assis ainda em vida é exemplar, jamais se entregando ele ao “descanso dos consagrados” que, comodamente instalados na fama, voltam as costas aos problemas da gente comum, rendendo-se ao conformismo.

Unitermos: Literatura brasileira; literatura e sociedade; Machado de Assis.

ABSTRACT

Machado de Assis: an talented man?

Introduction: This article is derived from the lecture given in September 9th 2008, during the Celebration of the “Latin American Day of Epilepsy”, which was organized by The Brazilian Association of Epilepsy, under the presidency of Doctor Laura Guilhoto, and took place in the State Congress of São Paulo, at the Franco Montoro Hall. **Methods:** By presenting some aspects of Machado de Assis’ life, the aim here is to understand the structure of Brazilian society in the 19th century, as well as the critical unveiling strength of his work. **Results:** The biography of the writer allows us to have a model of a man and an artist, who surpassed his imposed social and personal barriers in a specific historical circumstance, including the relative questions to his health. The effort and the fight of Machado de Assis are very significant, and we must always remember that until nowadays it is not “natural” to win preconceptions, to move socially or to get equal opportunities. **Conclusions:** The achievements made by Machado de Assis during his life are exemplary. He has never surrogated, as the “rest of the consecrated personalities” do, which comfortably installed in the fame and surrounded by the conformism, always forget about the problems of the common people.

Key words: Brazilian Literature; Literature and Society; Machado de Assis.

* Professora aposentada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Entre outras publicações e artigos de divulgação, é autora dos livros *A caminho do encontro. Uma leitura de Contos Novos*, de Mário de Andrade (São Paulo: Ateliê, 1999) e *Um canto à margem. Uma leitura da poética de Cruz e Sousa* (São Paulo: Nankin/Edusp, 2006)
Received Oct. 27, 2008; accepted Nov. 21, 2008.

INTRODUÇÃO

Em outros tempos, nossos mais significativos homens de letras eram médicos ou advogados. Atualmente, e também devido às exigências da especialização, ser médico e escritor é cada vez mais incomum, e quando isso ocorre o fenômeno ganha relevância imediata. De todo modo, o que me traz aqui não é um médico escritor, mas o interesse de médicos e pacientes por Machado de Assis. Trata-se de um verdadeiro mestre, um escritor genial, a despeito ou por causa das particularidades de sua vida, cujos traços biográficos mais relevantes dão a medida do que ele superou, especialmente no contexto do século XIX brasileiro, entre 1839, quando nasceu, e 1908, quando de sua morte.

A trajetória de Machado de Assis serve-nos de paradigma para revelar algumas das questões do tempo e do homem. Também nos vale para tentar tirar o véu romântico que cerca a biografia do escritor, sem, com isso, minimizar seus esforços para transpor os limites a que sua origem e sua condição pareciam destiná-lo. Mas, principalmente, ela nos permite ter um modelo de homem e artista, alguém que superou barreiras a ele impostas numa dada circunstância histórica, social e pessoal, incluída nesta as questões relativas à saúde. O esforço e a luta do homem Machado de Assis são muito significativos, se lembrarmos que até hoje não é “natural” vencer preconceitos, migrar de classe ou obter igualdade de oportunidades.

MÉTODOS

Ao apresentar Machado de Assis a partir de alguns aspectos de sua vida, pretende-se compreender a configuração da sociedade brasileira do século XIX, bem como a força de revelação crítica de sua obra.

RESULTADOS

No século XIX brasileiro, numa sociedade de base escravocrata, o que significava ser filho de negro, pobre, gago e com manifestações de epilepsia, como o menino Joaquim Maria Machado de Assis? Ser pobre dificultava-lhe as possibilidades de trabalho e de desenvolvimento do talento. Ter origem negra limitava-as ainda mais. Apresentar sintomas de gagueira e manifestações de epilepsia confinava o jovem aos espaços fechados. Mas, contrariando as previsões mecanicistas, quando morreu, em 29 de setembro de 1908, seu nome estava em todos os jornais da Capital. Prestaram-lhe homenagem os mais ilustres homens do tempo e também os representantes da Academia Brasileira de Letras, instituição por cuja fundação Machado de Assis lutara, no intuito de contribuir para a dignificação da profissão do escritor. O homem contido e avesso a exibicionismos tinha, em seu enterro, uma glória de que em vida sempre desconfiara, por conhecer os meios pelos quais ela era conquistada junto às classes dominantes às quais nunca se curvou.



Machado de Assis (☆1939 †1908)

A glória obtida por Machado de Assis ainda em vida é exemplar. Tendo vivido a situação de homem dependente e pobre, apreendeu com sua própria experiência o ritmo da vida social brasileira. E, por conhecê-lo em profundidade, representou-o radicalmente, revelando, de quebra, como nossa particularidade se articula ao ritmo mais geral da sociedade ocidental, no momento do avanço do capitalismo ocidental. Machado de Assis o fez sem tergiversar. Sem jamais se entregar ao “descanso dos consagrados” que, comodamente instalados na fama, voltam as costas aos problemas da gente comum, Machado de Assis não se rendeu ao conformismo.

Assim, em respeito a sua trajetória, convém tirar a aura de que Machado de Assis nasceu gênio, no sentido romântico do termo: haveria homens que nascem gênios e isso justificaria a cota pesada de sofrimento e dor que os distinguiria de todos os outros. Como outros mestiços e pobres que se tornaram figuras representativas do Brasil do II Império, Machado de Assis teve de enfrentar condições sociais adversas ao livre desenvolvimento de seu talento, numa sociedade que advogava *no discurso* princípios liberais sem, porém, alterar a *base* escravocrata da organização do trabalho. Nessa sociedade, a mobilidade social e a notoriedade para os humildes eram *a exceção que confirmava a regra* e que levava à cooptação.

Podemos e sob certa perspectiva até devemos sublinhar as dificuldades objetivas no caminho de Machado de Assis. Mais do que sublinhá-las, porém, é fundamental contextualizá-las adequadamente, observando como

Machado se furtou às armadilhas de seu momento histórico. Assim, o fato de ser filho de um pintor não significava nada similar ao que seria um intelectual nascido nas fileiras do proletariado, à maneira do que ocorria em certos países da Europa. Na realidade histórica do século XIX brasileiro, Machado e sua família viveram sob a proteção de uma família de posses, como vários outros homens livres pobres que gravitavam à sombra dos grandes proprietários, já que o campo do trabalho não se desenvolvia como nas modernas sociedades européias e, assim, restava a eles conquistar mecanismos de favorecimento. A madrinha de batismo do menino Joaquim Maria era a dona da chácara em que vivia a família Machado de Assis. Além disso, a família sabia ler e escrever, o que era raro naquela quadra histórica. Isso, porém, não tirava do menino a condição de subalterno, nem lhe dava livre trânsito na casa da chácara. Joaquim Maria, desde cedo, teve muito a aprender com o que vivenciou na Chácara do Livramento, e talvez tenha tido ilusões de que era possível “corrigir” um regime perverso como aquele. Mas isso não durou muito – e Machado seguiu seu próprio caminho.

Talvez seja em *Dom Casmurro* que o olhar para a família patriarcal se revele de maneira mais direta, se não nos deixarmos enganar pelas astúcias do narrador, ele próprio um representante das classes dominantes. Embora a família patriarcal tenha sido matéria-prima de todos os romances e muitos contos de Machado de Assis, em *Dom Casmurro* ela é o conteúdo *central* do enredo. Nesse romance, o advogado Bento Santiago, velho e sozinho, “casmurro” como ele afirma de início (embora minta sobre a ambigüidade da palavra que ele diz significar taciturno, mas que também conota teimoso), resolve “atar as duas pontas da vida”, adolescência e velhice, reconstruindo a casa de sua infância para recolher-se às suas memórias e tentar reviver a felicidade que tivera. Se esse é o seu propósito confessável, o conjunto de sua narrativa, porém, cria algo diverso. Trata-se de um cruel libelo contra Capitu, a mulher que amou e não se rendeu às suas imposições nem se sujeitou a ser um objeto de Bentinho. Por isso foi acusada de adúltera e expulsa do Brasil pelo marido, o qual, porém, cuidou de criar justificativas que evitassem escândalos. Ao assumir o relato, o narrador emprega os recursos retóricos, que domina à perfeição, para criar uma verdadeira peça de acusação contra sua esposa, que fora a jovem agregada da chácara de Mata-Cavalos onde a família vivia. Ao fazê-lo, atua contra os anseios de emancipação do indivíduo, que ela representa e dos quais ela não abdicou. Esse narrador é o teimoso proprietário que não admite mudanças, muito menos desejos de autonomia de quem quer que seja. Ao criar esse narrador, Machado de Assis analisa em profundidade a vida brasileira, tal como é pensada pela classe dominante, bem como as conseqüências disso para todas as esferas sociais, e não apenas de seu tempo.

Em sua infância e juventude, o homem Machado de Assis viveu a situação em que a polarização social – famílias patriarcais e trabalho escravo – criava, para a existência do homem livre pobre, o constrangimento do favor e do clientelismo, a minimização das oportunidades objetivas do trabalho e da emancipação. Não hesitou diante disso e, no início de sua carreira, muito jovem ainda, Machado procurou valer-se das relações de amizade para encontrar lugar. A carreira jornalística, que inicia por volta de 1858, talvez lhe permitisse tratar das questões sociais e políticas que emperravam nossa sociedade, paralisada pelo patriarcalismo conservador e incongruente com o ritmo da vida moderna, tal como o concebia o jovem. Mas desiludiu-se, porque logo percebeu que o jornalismo trazia liberdade vigiada e cooptação dos jovens talentos às esferas do poder. Desiste da carreira, mas não da atuação em jornais nem da militância política – chega mesmo a pleitear um cargo público, em 1866, sem porém levar adiante a candidatura. Alteram-se, então, as estratégias para garantir vida estável: mesmo que ainda restrita, sua fama lhe permite obter o favor dos grandes e, assim, uma colocação no serviço público, onde permanecerá até a morte, em cargos cada vez mais importantes. No final da década de 1860, a situação econômica equilibrada, e o casamento com uma branca, Carolina Xavier Novaes, em 1869, trazem segurança e aparente integração da família Machado de Assis ao modelo das camadas dominantes.

Nesses anos, de 1869 a 1878, dedica-se, como escritor, a revelar, pela literatura, os males do patriarcalismo, na perspectiva de aperfeiçoá-lo. Tenta mostrar que, se o homem talentoso fica à mercê do homem rico, muitos são os males: para o protegido, para o protetor, para o Brasil. O problema crítico, de origem biográfica, traduzia-se na produção literária da chamada primeira fase machadiana, especialmente *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*.

As obras lhe trouxeram fama: quando morre José Alencar, em 1877, Machado de Assis é considerado seu herdeiro no campo das letras nacionais. Mas esse também é o momento das graves crises de epilepsia.*

Respeitado e reconhecido, Machado de Assis deixa de publicar romances por cerca de três anos e, quando retorna, com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1881, já é o escritor genial. Ainda que os conteúdos históricos do enredo sejam similares aos da chamada primeira fase, Machado de Assis passa a representar a vida social brasileira pelo ângulo da classe dominante, revelando-lhe, assim, todos os

* A esse respeito, e como mera curiosidade, vale a pena lembrar que, em 1872, Machado de Assis traduziu o folheto “Higiene para as escolas”, de um médico francês, e *suprimiu* a palavra epilepsia. O poema “*Suave magni marum*” pode ser lido, também, como uma alegoria da crise convulsiva quando contemplada pela multidão indiferente.

caprichos e o tom cínico com que tal classe justifica todas as suas iniquidades. Inventa uma *estratégia* autoral em que, ao criar narradores que pertencem à elite e reproduzem seus valores, pode exibir os mandos e os desmandos de nossas classes dirigentes sem com elas se confundir, a despeito de seus leitores fazerem-no sem perceber aquilo com que se identificam. Como afirma Roberto Schwarz,

“depois de encarar a sociedade pelo ângulo do dependente pobre, que brilha pelo discernimento com que sabe manifestar seu apreço pela ordem, desdobrando talento a fim de ser reconhecido e cooptado pela elite dirigente, o escritor [Machado de Assis] iria encarar a mesma sociedade pelo ângulo de quem está instalado. Chegava a hora de relativizar o que já havia obtido. Em lugar da visão positiva, a visão desabusada, cujo propósito não é de criticar, mas de conferir o brilho e a tranquilidade da inteligência sem peias: a compreensão da mecânica social é como que uma consolação para a falta de sentido desta e para os seus horrores. Ainda aqui Machado fazia trabalho civilizador, pois o seu pessimismo dava dignidade e equilíbrio ao sentimento de impasse em que se debatiam as nossas elites liberais, escravocratas e paternalistas. Uma arte nihilista mas não maldita” (1987).

CONCLUSÕES

Para finalizar, e com consciência do disparate da comparação, imito Antonio Candido (1970), um crítico notável que, depois de sua exposição muito iluminadora sobre Machado de Assis, convida seus ouvintes a talvez esquecerem-se do que ele dissera para, sem perda de tempo, ler as obras do “Bruxo do Cosme Velho” e aprender com essa obra extraordinária.

REFERÊNCIAS

1. Candido A. Esquema de Machado de Assis. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades; 1970. p. 15-32.
2. Facioli V. Várias histórias para um homem célebre (Biografia intelectual). In: Bosi A et al. (Org.). Machado de Assis. Coleção Escritores brasileiros. São Paulo: Ática; 1982. p. 9-59.
3. Massa JM. A juventude de Machado de Assis. Tradução: Marco Aurélio de Moura Matos Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/CNC; 1971.
4. Schwarz R. Linhas biográficas – para o leitor estrangeiro. In: Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras; 1987. p. 165-78.

Endereço para correspondência:

Ivone Daré Rabello
Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP
Av. Professor Luciano Gualberto, 403 – Cidade Universitária
CEP 05508-900, São Paulo, SP, Brasil
Tel.: (011) 3091-4312 – Fax: (011) 3091-4865
E-mail: flt@usp.br